



O QUE É UMA BISAVÓ E UM BISAVÔ? CONCEPÇÃO DAS CRIANÇAS BAIANAS

RABINOVICH, Elaine Pedreira

*Professora do Programa de Família na Sociedade Contemporânea – UCSAL
elainepr@brasmil.com.br*

AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta

*Estudante de doutorado do Programa de Família na Sociedade Contemporânea - UCSAL
psicoazambuja@hotmail.com*

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos

*Professora do Programa de Família na Sociedade Contemporânea – UCSAL
lucivcm@oi.com.br*

1

RESUMO

Embora os avós tenham sido objeto de estudos já algum tempo, face ao envelhecimento populacional, os bisavós começaram a surgir no horizonte das crianças. Este estudo exploratório é parte de um estudo maior em que se perguntou às crianças baianas sobre sua definição dos membros da família, inclusive de bisavós. Foram entrevistadas cinquenta crianças de seis a doze anos de idade, de ambos os sexos, de classe socioeconômica média e baixa, que responderam às seguintes perguntas: o que é uma bisavó? e o que é um bisavô? Como uma descrição qualitativa, as crianças, disseram: "*elas são o mesmo que avós, mas mais velhos, precisam de mais ajuda e vão morrer mais cedo*". Uma conclusão geral é que ter a experiência de viver com mais gerações pode propiciar a criança uma abordagem diferente à noção de tempo.

Palavras-chave: bisavô; bisavó; crianças.

ABSTRACT

Grandparents have been subject of studies for already some time, but as people are getting older, great-grandparents become to emerge at children lives horizon. This exploratory study is part of a bigger one where children from Bahia were asked about the meaning of their family members, including theirs great-grand-parents. Fifty children, aged 06-12 y.o., from medium and low socio-educational class answered a question about: what is a great-grand-mother? As a qualitative description, children said: "*they are the same as grand-parents but older, need more help and they are going to die sooner*". One general conclusion is that children's experience of living with more generations may give them a different approach to time. The main conclusion points to the need of studying the fourth generation, and even the fifth generation, in relation to children lives.

Key words: great-grandfather; great-grandmother; children.



INTRODUÇÃO

O mundo está envelhecendo. De acordo com estudos efetuados, entre 2000 e 2050, a percentagem de pessoas com mais de 65 anos irá duplicar. Este envelhecimento deve-se a vários fatores, entre eles, à diminuição da taxa de natalidade, à melhoria das condições de vida, à melhor cobertura das necessidades sociais e de saúde e à diminuição das taxas de mortalidade (MARTINS, 2006; FLORES, 2008).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o crescimento do número de idosos no Brasil é cerca de 20.622.19. A esperança de vida aumentou, o que aliado à queda dos índices de natalidade, tem provocado o envelhecimento das sociedades. Em termos demográficos, esse fato tem implicações importantes na tecitura da família e nos papéis dos seus membros.

A Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia da Secretaria do Planejamento (SEPLAN), divulgou no dia 06/10/2013 o estudo “Projeções Demográficas para a Bahia 2010-2030”, elaborado pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais (CEDEPLAR), órgão especializado em projeções demográficas, e analisado pela Coordenação de Pesquisas Sociopopulacionais da SEI. A pesquisa aponta, entre outras questões, o aumento da expectativa de vida dos homens de 71 anos (entre 2005-2010) para 76 (entre 2025-2039) e das mulheres de 77 (entre 2005-2010) para 81 (entre 2025 – 2039). Além disso, o estudo também indica a redução do incremento populacional entre 2010 e 2030, o que refletirá em uma diminuição do ritmo do crescimento populacional na Bahia. Até 2030, as projeções apontam que o envelhecimento populacional contribuirá para a tendência de declínio do crescimento da população (SEI, 2013).

Segundo a pesquisa, décadas atrás, o crescimento natural da população brasileira era bastante elevado e relativamente constante e a Bahia não era exceção. Na Bahia, por exemplo, as alterações no perfil demográfico, como redução da mortalidade e maior expectativa de vida, ocorreram de forma bastante acentuada a partir da década de 80. Em anos mais recentes, o acelerado declínio da fecundidade, o avanço na queda da mortalidade, e as mudanças na distribuição espacial da população, alteraram a dinâmica populacional e reforçaram a necessidade de projeções demográficas para os municípios e suas localidades.



Ainda em relação ao envelhecimento e longevidade, o estudo aponta que o declínio da fecundidade influenciará o perfil da população baiana nos próximos anos. Isso porque a população dos grupos etários mais jovens (menos de 15 anos) diminuirá a sua influência na estrutura etária, e aumentará o peso relativo da população idosa (mais de 65 anos). No entanto, é a população das idades intermediárias que permanecerá com o maior peso relativo na estrutura etária, e esse peso será incrementado durante o período. De acordo com a pesquisa, em 2010, o grupo acima de 60 anos de idade era composto por cerca de 1,4 milhões ou 10,3% do total da população. Já em 2030, estes valores serão, respectivamente, 16,7% dos mais jovens?? e 40,7% dos mais de 60 anos?? do total da população, refletindo a redução na base da pirâmide e o alargamento no topo da pirâmide etária.

O diretor-geral da SEI comenta os resultados da pesquisa “O envelhecimento da população e o aumento da expectativa de vida dos homens e mulheres baianos demandará, segundo o estudo, uma forte demanda de serviços ao idoso o que pode mudar o foco das políticas de seguridade social, saúde e educação. Deste modo, iniciativas voltadas à população idosa (acima de 60 anos) serão cada vez mais importantes no âmbito das políticas públicas, enquanto ocorrerá menor pressão para as demandas relacionadas à infância e à adolescência”.

Nesse sentido, há um aumento de número de gerações que convivem (HARPER, 2006) com membros de famílias de três ou de quatro gerações, principalmente as mulheres se tornando longevas (MOTTA, 2004).

Nesse sentido, Harper (2006) assevera que os indivíduos envelhecem tendo na família mais ligações verticais do que horizontais e passam mais tempo a desempenhar papéis intergeracionais do que antes. “Por exemplo, em termos verticais, uma estrutura familiar de quatro gerações tem três níveis de relações pais-filhos, dois conjuntos de ligações avós-netos e uma ligação bisavós-bisnetos” (HARPER, 2006, 26).

As pesquisas realizadas nos Estados Unidos e Reino Unido fornecidas pelos estudos de ligações intergeracionais da Associação de Reformados dos Estados Unidos (AARP) revelam que mais de metade dos entrevistados eram membros de famílias de quatro gerações. Três quartos dos adultos virão a ser avós e há um estudo que preconiza que um quinto de todas as mulheres que ultrapassem os 80 anos viverão algum tempo numa família de cinco gerações, na qualidade de trisavós. Quase um terço dos avós passarão pela experiência de serem bisavós, em famílias de quatro gerações. O quadro no Reino Unido é semelhante, as estimativas indicando que um terço das pessoas do Reino Unido serão avós, papel que desempenharão em média



durante 25 anos, com algumas previsões a sugerirem que possivelmente três quartos da população ascenderão à condição de avô/avó (HARPER, 2006, p.29).

Uma transição geracional ocorre quando uma pessoa passa da condição de pai para a de avô/avó, ou mesmo de bisavô/avó e leva a mudanças tanto em sua própria identidade como nos papéis e funções que lhe competem; por exemplo, a relação que o neto tem com os avós nos primeiros tempos pode vir a determinar, mesmo que parcialmente, o modo como ele assume o seu papel e como se relacionará mais tarde com os seus próprios netos.

Outro aspecto relevante é que as oportunidades de maior interação entre gerações têm aumentado devido ao crescente número de avós vivos (SOUSA, 2006) devido ao período de velhice saudável e, por isso, é mais provável que os avós construam com os netos uma relação que se prolongue. Por exemplo, o papel de avô/avó surge em média aos 50 e 60 anos de idade, o que possibilita que avós e netos possam esperar viver em comum duas a três décadas, sendo que a terceira década ocorrerá já com os netos adultos e com os bisnetos.

Sousa (2006) chama a atenção que este maior tempo de convivência pode ocorrer em um contexto de dependência ou independência dos avós, donde não apenas os avós cuidariam dos netos, como cada vez mais poder-se-á esperar que também os netos cuidem dos avós. “Assim, emerge uma relação de cuidados recíproca: os avós cuidam (ou ajudam a cuidar) dos netos enquanto estes são pequenos e os netos poderão cuidar dos avós quando estes chegarem a uma fase da vida de maior debilidade” (HARPER, 2006, p.40).

Neste contexto de prolongamento da vida, verifica-se que a atual geração de netos é a primeira que pode esperar conhecer os quatro avós. Há poucas décadas atrás, de esperança de vida mais reduzida, apenas alguns avós resistiam mais anos, por isso o mais natural seria os netos conhecerem um ou outro avô e raramente os quatro.

O aumento da esperança de vida tende, cada vez mais, a adicionar outra geração nestas relações: os bisavós. Verifica-se, atualmente, que 20% das mulheres que morrem com 80 ou mais anos, são bisavós. “Esperamos que os avós vejam os netos crescerem e até ter filhos, por isso a relação bisavós-bisnetos começa a emergir como potencialmente importante. Este laço tem sido pouco estudado, principalmente, pela sua raridade que, com certeza, virá a diminuir nos próximos anos” (SOUSA p. 41).

Nesse sentido, Vicente e Souza (2012) acrescentam que o estudo dos bisavós constitui algo a ser construído para a sociologia e psicologia da família pois que se trata de uma realidade social desconhecida e alvo de pouca investigação.



Outro aspecto salientado pelos autores é que viver numa família com quatro ou cinco gerações é um fenômeno social raro, pois essas famílias tendem a ser entidades sociais fugazes, sendo que os elementos mais idosos (bisavós) tendem a falecer quando os mais novos (bisnetos) estão nos primeiros anos de vida. “Apesar de fugaz, este sistema social revela alguma ubiquidade na contemporaneidade, com uma proporção significativa de indivíduos a exercerem o papel de bisavós e bisnetos, mesmo que por curtos períodos de tempo” (VICENTE; SOUZA, 2012, p.2).

Igualmente para Sousa (2006), o aumento da esperança de vida tende, cada vez mais, a adicionar outra geração nestas relações: os bisavós. “Verifica-se, atualmente, que 20% das mulheres que morrem com 80 ou mais anos são bisavós, por isso a relação bisavós-bisnetos começa a emergir como potencialmente importante a ser investigado” (SOUSA, 2006, p.41).

CAMINHO METODOLÓGICO

O estudo do qual este derivou investigou os significados que 120 crianças brasileiras, de 6 a 12 anos, atribuíam aos pais, mães, irmãos, avós (RABINOVICH; MOREIRA, 2008; MOREIRA, RABINOVICH, SILVA, 2009). Os participantes foram divididos em dois grupos: da capital cujos pais tinham nível sócio-educacional baixo e médio; e do interior com os mesmos níveis sócio-educacionais. Utilizou-se roteiro semi-estruturado de entrevista individual com essas crianças. Dessas 120 crianças entrevistadas, recortamos 50 respostas de crianças baianas referentes aos bisavós. Como instrumentos de coleta da presente pesquisa foram utilizados: (a) um roteiro sobre as concepções de família e de seus membros, respondido pelas crianças contendo as seguintes perguntas: Você tem bisavós? Como é ser bisavó? Como é ser bisavô? Assim, o objetivo da presente pesquisa é identificar o significado que os bisnetos atribuem às bisavós e aos bisavôs.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cinquenta crianças responderam sobre os bisavós. Destas, 31% disseram não saber o que dizer (15 sobre bisavós, 16 para bisavôs), 47% não têm bisavós (20 bisavós para 27



bisavôs) e 22% responderam o que avaliavam ser bisavós (15 respostas para bisavó para 7 para bisavô).

Tabela 1: Categorias das respostas de bisavós, Salvador, 2013.

	Bisavó	%	Bisavô	%	Total	%
Não sei/não perguntado	15	30	16	32	31	31
Não tenho	20	40	27	54	47	47
Resposta	15	30	7	14	22	22
Total	50	100	50	100	100	100

Destes dados, dois aspectos aparecem como relevantes: das crianças que responderam, 30% declararam ter bisavós. Portanto, seja porque são mais presentes ou/e porque vivam mais (“não tem”: 20 bisavós para 27 bisavôs), de modo equivalente às avós e às mães (RABINOVICH; CAMPOS, FRANCO, 2012; RABINOVICH, 2012), as crianças podem contar mais sobre bisavós do que a respeito de bisavôs.

De um modo geral, os bisavós são vistos, pelas crianças, de uma perspectiva da geração e longevidade, qual seja, como anteriores e fundadores da família. Os bisavós fornecem a noção de temporalidade, de início e de fim da vida, relacionado tanto ao seu próprio início como bisneto como à maior proximidade da morte dos bisavós.

É, quando a gente nasce, aí meu avô me leva às vezes na casa do meu bisavô.

Assim, os bisavós fornecem uma extensão na noção de tempo, superior à vivência de temporalidade fornecida pelos avós.

Bisavó é aquela que tem o filho da sua neta, é uma coisa de amar o filho da neta.

Como são anteriores aos avós, teriam ainda mais responsabilidade para com a família.



Se avô e avó têm que ter muita responsabilidade, bisavô e bisavó têm que ter o dobro porque são eles que começaram mais pra trás ainda a família. Têm mais responsabilidade ainda, têm que cuidar da família toda. Ao invés de ser o avô que tem que cuidar só dos filhos e dos netos, o bisavô tem que cuidar do filho, do neto e do bisneto.

A imagem da velhice está ainda associada a seus aspectos negativos, como a dependência, a doença, a debilidade física e mental, a incapacidade produtiva, embora, muitas vezes ele ofereça contribuições financeiras e/ou assistenciais para a família (GOMES; LESSA; Sá, 2006).

A relação das crianças com os bisavós é de ajudá-los. Ajudam carregando coisas, apanhando-as do chão, ajudando a subir degraus. As crianças indicam gostar de poder ajudar.

É legal porque a gente pode ajudar ele a pegar as coisas, a subir no carro, falar assim “olha o degrau”.

É igual ser avó, mas só que não é tão bem assim, porque a mesma coisa de avó, também dá carinho, atenção, brinquedos, balinha. A diferença é que é já mais de idade, né, idosa, aí começa as dores. Minha bisavó não usa óculos, ela sempre viveu numa roça.

Um bocado de coisas, carregar as coisas, pegar as coisas, fazer um tanto de coisas.

Os bisavós são mais cuidados pelas crianças do que cuidam delas, sendo que, em sua maioria, não os conheceram ou pouco sabem dizer deles. No entanto, já aparecem nos horizontes destas crianças (RABINOVICH; MOREIRA, 2008, p. 453).

O cuidado com o idoso praticado pelas outras gerações pode ser uma oportunidade de co-responsabilização (PIRES, 2010). “As gerações mais jovens convivem com os idosos cotidianamente. Nesse sentido, o cuidado intergeracional com o idoso pode ser uma experiência prazerosa, dependendo das particularidades culturais, das relações entre as pessoas, nas quais os significados atribuídos ao idoso e ao cuidado influenciam as atitudes de todas as gerações” (FLORES, 2008, p. 30).

Em certo sentido, a relação com os bisavós aparece invertida, pois são eles que necessitam dos bisnetos e não o contrário. Isto pode se manifestar em uma forma lúdica de relacionamento.

Ela dá, faz de conta que você está doente, aí ela vai lá dar um remédio pra você, aí fica tudo bem.



Nesse sentido, a criança oferece sua força e sua fragilidade e o idoso, a experiência transformada em sabedoria e burilada na memória, e a capacidade de unir o começo e o fim da vida. Se o convívio com as crianças anima a vida dos velhos como uma aragem matinal, também o relacionamento com os idosos cria perspectivas inusitadas para as crianças (OLIVEIRA, 1999).

No presente estudo, uma característica importante se refere a uma aparente perda da diferenciação por gênero, provavelmente devido a que os bisavós perderam as funções anteriormente a eles relacionadas. Seria como se a idade “ressignificasse” sexo e gênero.

São diferente dos avôs e das avós. Ela (a bisavó) gosta de mim, eu gosto dela. Aí, ela me dá as coisas e eu dou as coisas a ela. Meu bisavô me dá as coisas e eu dou a ele.

No entanto, pode-se também observar diferenças associadas a gênero:

Bisavô é ser legal, muito, conta mais histórias do que o avô, porque viveu muito mais, todo homem conta muitas histórias, só que mulher não tem esse dom de ficar velhinha e contar muitas histórias igual ao homem.

Contar história de vida para os bisnetos permite aos idosos reviver algumas experiências vividas e revividas de outra forma (SOUSA, 2006). Por exemplo, um avô que esteve na guerra, ao contar aos netos, provavelmente, consegue atribuir-lhe um significado menos negativo; por outro lado, as questões e observações dos netos permitem aos avós dar continuidade às experiências.

Como apontado no estudo sobre os avós (MOREIRA, RABINOVICH, SILVA, 2009), diferenças culturais, principalmente quando há a influência africana associada, nos casos estudados, a segmento sócio-educacional mais baixo, aparece nos discursos das crianças.

Tem de respeitar a avó e a bisavó, não falar coisas que não a agrade, e também respeitá-la. S tem de fazer as coisas que ela a agrade. Todas as coisas que a ela não agrade, ela fica de mal com a gente.

Nesse sentido, nas culturas africanas, hispano-americanas e asiáticas (GOMES-PEDRO, 2006), as avós, de um modo geral, exercem um papel fundamental como agentes pessoais de educação e é patente uma relação próxima. Este autor, assim, aponta para a matrilinearidade das relações intergeracionais, em que há um agenciamento de conhecimentos



mediados pela avó. Pode-se supor haver um prolongamento deste papel no caso de existir a bisavó.

O bisavô tem de sustentar para ajudar a filha, ajudar o filho.

Embora tenhamos mais relatos sobre bisavós do que de bisavôs, chega a surpreender a positividade dada aos bisavôs, principalmente no segmento sócio-educacional mais pobre.

Gentil. Ele é muito bom pra mim. Ele me dá dinheiro. Quando eu vou lá, eu dou sempre um abraço nele.

Na pesquisa de Harper (2006, p.20), os homens são mais propensos à prestação de cuidados com os netos/bisnetos; mais probabilidades de ter contatos frequentes; tendem a desenvolver relações mais estreitas. No entanto, as avós foram consideradas mais influentes do que os avôs, em termos de proximidade e de cuidados (RABINOVICH, 2012). Pode-se colocar a hipótese de que diferenças de papéis referentes a cuidados, geralmente associadas a gênero, possam vir a sofrer mudanças associadas tanto a segmentos sócio-educativos, quanto à idade dos avós/bisavós homens. (MOREIRA, RABINOVICH, SILVA, 2009).

Se os avós já são descritos como velhos, os bisavós aproximam ainda mais a criança da noção de morte através da visão do envelhecimento. Este é percebido como um extinguir da vida, um acabar das energias vitais.

Porque cada vez a pessoa vai ficando mais velha e depois chega uma hora que a pessoa morre.

Para Silva, Alves e Coelho (1997), a fase última do ciclo vital familiar é considerada como uma etapa que tem se estendido bastante, dada a maior longevidade humana marcada pela reestruturação de papéis, com a saída física de alguns membros do núcleo familiar, aposentadoria de um ou de ambos os cônjuges, a perda de autonomia e a fragilidade física. O luto pela perda de amigos e parentes trará forçosamente à tona a velhice como a fase que se aproxima da finitude pessoal e da ideia inevitável da viuvez. Nessa fase, há um fechamento de ciclo.

Ante os bisavós, as crianças denotaram experienciar a morte.

É igual à avó, mas ela não pode trabalhar porque está de idade e quando eu conheci ela, ela já tinha noventa anos.



Barros (1987) declara que, à medida que a pessoa envelhece, tem consciência do fim da vida. “A presença da morte já faz parte desse momento de vida: vários parentes e amigos de sua geração já morreram, bem como, evidentemente, das gerações ascendentes. Essa presença por si só traz a força da revisão da vida e também a familiaridade com a ideia de fim” (BARROS, 1987, p. 94). Algo equivalente parece ocorrer na compreensão da criança de que a vida se encaminha a um fim.

Portanto, a característica mais evidente da existência de bisavós é a extensão na compreensão infantil quanto à temporalidade e à mudança de sua posição de quem é cuidada para quem é cuidadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo constatou que, de um modo geral, os legados geracionais transmitidos pelos bisavós fazem parte da memória familiar e contribuem para a vida cotidiana da família.

Os bisavós foram vistos, pelas crianças, de uma perspectiva da geratividade e longividade, qual seja, como anteriores e fundadores da família, fornecendo a noção de temporalidade, de início e de fim da vida, relacionado tanto ao seu próprio início como bisneto como à maior proximidade da morte dos bisavós.

Se os avós já são descritos como velhos, os bisavós aproximam ainda mais a criança da noção de morte através da visão do envelhecimento. Este é percebido como um extinguir da vida, um acabar das energias vitais. Portanto, a característica mais evidente da existência de bisavós é a extensão na compreensão infantil quanto à temporalidade e à mudança de sua posição de quem é cuidada para quem é cuidadora.

Uma característica importante se refere a uma aparente não diferenciação por gênero, provavelmente devido a que os bisavós perdem as funções associadas a gênero anteriormente a eles relacionadas. Seria como se a idade “ressignificasse” sexo e gênero. No entanto, pode-se observar também diferenças associadas a gênero.

Em certo sentido, a relação com os bisavós aparece invertida, pois são eles que necessitam da ajuda dos bisnetos, e não o contrário. Isto pode se manifestar em uma forma lúdica de relacionamento.



Embora tenhamos mais relatos sobre bisavós do que de bisavôs, chega a surpreender a positividade dada aos bisavôs, principalmente no segmento social mais baixo.

Face ao exposto acima, pode-se pensar haver dois tipos de bisavós compreendidos como organizados em torno de núcleos de sentidos: “mais do que os avós” e “no lugar dos avós”. Mais do que avós: seriam mais velhos, precisariam mais ajuda, contariam mais histórias, estariam mais perto da morte. No lugar dos avós: embora este tipo seja muito pouco representado, pode-se perceber a sua existência, como provedor ou cuidador.

A principal conclusão deste estudo, no entanto, refere-se à urgência de mais estudos sobre a quarta geração e mesmo da quinta em sua relação à vida das crianças.

REFERENCIAS

BARROS, Myriam. *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1987.

FLORES, Gisela. Eu cuido dela e ela me cuida: um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso. *Dissertação de Mestrado*. Santa Maria: UFSM, 2008. “Disponível em” <http://coral.ufsm.br/ppgenf/Gisela_Cataldi_Flores_Dissertacao_de_Mestrado.pdf>. Acessado: 13/09/2103.

GOMES-PEDRO, João. O papel dos avós no século XXI. In: *Revista Povos e Culturas*, n. 10. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2006, p. 11-24. “Disponível em” <http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS_10.pdf>. Acessado: 08/09/13.

GOMES, Mariana; LESSA, Jadir; SÁ, Roberto. O papel do idoso nas dinâmicas sociais de realização do ser-no-mundo-com-o-outra. In: *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, v. 1, n. 1. Porto: Universidade Sénior Contemporânea., Dezembro / Maio, 2006-2007, p. 7-12. “Disponível em” < http://arquivosusc.no.sapo.pt/revista_gerontologia.pdf> Acessado: 14/09/2013.

HARPER, Sarah. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias In: *Revista Povos e Culturas* n. 10. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2006, p. 25-38. “Disponível em” <http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS_10.pdf>. Acessado: 08/09/13.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*: 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.



MARTINS, Aquiles. Envelhecimento, sociedade e cidadania. *In: Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, v. 1, n. 1. Porto: Universidade Sénior Contemporânea, Dezembro / Maio, 2006-2007, p.77-78. “Disponível em” <http://arquivosusc.no.sapo.pt/revista_gerontologia.pdf> Acessado: 14/09/2013.

MOREIRA, Lúcia Vaz, RABINOVICH, Elaine Pedreira, SILVA, Célia Nunes. Olhares de crianças baianas sobre a família. *In: Paidéia*, v. 19, n. 42. Ribeirão Preto (SP): USPRP, 2009. “Disponível em” <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100010>>. Acessado: 01/08/13

MOTTA, Alda. Brito da. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. *In: PEIXOTO, Clarisse (org.), Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Da FGV, 2004, p. 109-142.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.

PIRES, Maria de Fátima. *Presença e papel dos avós: estudo de caso*. Viveiro: Universidade de Viveiro, 2010. “Disponível em” <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/3601/1/4537.pdf> Acesso: 09/09/13.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Significados de família para crianças paulistas (2008) *In: Psicol. estud.* v. 13, n.3. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2008, p. 447-455. “Disponível em” <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a05.pdf>, Acesso:11/05/13.

RABINOVICH, Elaine; CAMPOS, Lúcia e FRANCO, Anamélia. Papeis, atividades e relações entre membros da família baiana. *In: Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 1. São Paulo: ABRAPSO, 2012, p. 139-149. “Disponível em” <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/16.pdf>, Acesso: 11/05/13.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Participação dos avós no cuidado cotidiano dos netos pequenos. *In: CASTRO, M. G.; CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L.V.C. (orgs.), Dinâmica familiar do cuidado*. Afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 2015-238.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos. *Projeções demográficas apontam mudança de estrutura da população baiana até 2030*. “Disponível em” <http://www.novoeste.com/pages/destaque/pdf.php?id=4697>, Acessado: 09/09/2013.

SILVA, Jair; ALVES, Lourdes; COELHO, Maria Renata. A família em fase última. *In: CERVENY, Ceneide; BERTHOUD, Cristina (orgs.), Família e ciclo vital, nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 123-132.

SOUSA, Liliana. Avós e netos: uma relação afectiva, uma relação de afectos. *In: Revista Povos e Culturas*, n. 10. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2006, p.39-50. “Disponível em”



http://www.ucp.pt/site/resources/documents/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS_10.pdf
Acessado: 08/09/13.

VICENTE, Henrique; SOUZA, Liliana. Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. In: *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 1. São Paulo: PUC, fevereiro 2012, p. 99-117.